

## **GT 1 - Corpo-território, punição e colonialidade: delimitação de fronteiras nas relações de poder**

Danielle Bezerra de Moraes (Uninove/ CERDAP).

Irene Maestro Sarrión dos Santos Guimarães (Uninove/DHCTEM USP/GENOMA).

Yann Gomes dos Santos (COCCIX - Estudos (in)disciplinares do corpo e território (USP)

E-mail para envio de trabalhos: **daniellemorais2310@gmail.com**

**Resumo:** Este simpósio temático engloba trabalhos que discutem, a partir de perspectivas interdisciplinares e interseccionais, o corpo-território em suas relações com a colonialidade, racialização, generificação e a punição na formação das fronteiras diversas do continente que se convencionou chamar de América. Isso supõe que as noções de fronteiras e de punição sejam compreendidas de maneira ampla.

Para além dos espaços geográficos, as fronteiras aqui tratadas são aquelas que delimitam relações de poder e possibilidades de existência. Tais relações podem envolver questões territoriais, econômicas, jurídicas, políticas e simbólicas, indo desde a demarcação de espaços geográficos até a delimitação de papéis de gênero.

Já a punição é concebida em uma acepção que extrapola a questão prisional, a partir da relação entre o controle dos corpos racializados, generificados e periféricos e a apropriação dos territórios urbanos, rurais e ancestrais. Essa relação é operacionalizável pelo estabelecimento de fronteiras e pela negação do espaço, garantidos por violências de caráter punitivo que se manifestam sob formas diversas (política estatal de encarceramento em massa, as agressões, remoções forçadas, grilagem, espoliação, violações de terras indígenas e quilombolas, tortura, estupros, feminicídios, execuções, etc.) e são praticadas por agentes do Estado ou por particulares, milícias, grupos paramilitares, cuja ação torna-se possível e potencializada pela omissão estatal.

A relação entre o controle dos corpos e o de territórios é indissociável, na medida em que o domínio do território é um pressuposto da acaparação das possibilidades de realização da vida; e o controle dos corpos é a *condition sine qua non* de apropriação de territórios pelo Capital. De fato, o território possibilita a existência do corpo e a tessitura de sentido indispensáveis a uma vida plena e, nas cosmogonias dos povos tradicionais, não existe sequer separação entre natureza e cultura e, conseqüentemente, entre corpo e território (Descola, 2005; Krenak, 2021; Kopenawa, 2015). O controle do corpo é, por sua vez, um dispositivo de apropriação e de institucionalização de fronteiras territoriais, sociais e simbólicas, através do cercamento dos corpos racializados, generificados (Federici, 2017) e historicamente subalternizados a partir da constituição do Sistema Colonial de Gênero (Lugones *in* Holanda, 2020).

No paradigma instaurado pela Modernidade, o gênero é consubstancial ao projeto global de racialização do mundo (Idem). Longe de partir unicamente da questão fenotípica, o processo de racialização opera através do delineamento de fronteiras de poder que dividem o mundo do “Um”, o Sujeito universal branco europeu detentor de direitos e ontologicamente completo, e “de seus Outros anômalos”, concebidos como suas minorias residuais (Segato, 2022, p. 16). Esses corpos “Outros” são historicamente concebidos como disponíveis e matáveis (Mbembe, 2018; Butler, 2019). Não é, portanto, a “diferença racial” (Silva, 2022) que determina o processo de colonização dos territórios não europeus; é, ao contrário, o projeto de apropriação de corpos e territórios não europeus (vistos como recursos) que enseja a produção de um discurso de

biologização das diferenças dos “outros anômalos” – percebidas como degenerescência (Oyëwùmí, 2021). A racialização e a generalização dos corpos-territórios são, portanto, fundamentos da racionalidade colonial e base material que mantém o Capitalismo.

### **Mini-CV dos proponentes:**

#### **Danielle Bezerra de Moraes**

Professora da Faculdade Nove de Julho e pesquisadora associada do CERDAP<sup>2</sup>. Doutora em História do Direito pela Université Grenoble Alpes e em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades pela Universidade de São Paulo (doutorado concluído em regime de dupla graduação internacional). Mestre em História, Teoria e Prática dos Direitos Humanos e Especialista em Direito Público pela Université Pierre Mendès France (UPMF). Bacharela em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba. Possui experiência internacional em pesquisa e ensino superior com abordagem interdisciplinar, com foco em história do direito, direitos humanos, fundamentos históricos e filosóficos da República, gênero e estudos descoloniais.

#### **Irene Maestro Sarrión dos Santos Guimarães**

Doutora em Direitos Humanos pela Universidade de São Paulo. Integrante do grupo de pesquisa Direitos Humanos, Centralidade do Trabalho e Marxismo (DHCTEM), vinculado à Faculdade de Direito da USP, onde é professora convidada do grupo de estudos Direito à Moradia e Marxismo (GEMOMA). Professora da Universidade Nove de Julho (Uninove), advogada popular e militante do movimento Luta Popular. Autora de “O sujeito revolucionário em História e Consciência de Classe: uma crítica marxista a partir da forma jurídica” (Lutas Anticapital, 2023).

#### **Yann Gomes dos Santos**

Doutor em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades pela Universidade de São Paulo, mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas pela UFPB, especialista em Direitos Humanos, Diversidade e Violência (UFABC). Pesquisador voluntário na Comissão Estadual da Verdade e Preservação da Memória do Estado da Paraíba (2013-2018). Membro pesquisador dos Grupos: COCCIX - Estudos (in)disciplinares do corpo e território (USP) e RESISTÊNCIAS (UFABC).

### **Referências Bibliográficas**

- BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Autêntica, 2019.
- \_\_\_\_\_. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- DESCOLA, Philippe. *Par-delà nature et culture*. Paris: Gamillard, 2005.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das letras, 2020.
- LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLANDA, Heloísa Buarque (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres : construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

SEGATO, Rita. *Cenas de um pensamento incômodo: gênero, cárcere e cultura em uma visão decolonial*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.

SILVA, Denise Ferreira da. *Homo Modernus: para uma ideia global de raça*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.